



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 01/10/2021 a 07/10/2021

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
01/10/2021	12,46	325,00	58,61	7,55	5,41
04/10/2021	12,35	322,10	58,57	7,56	5,40
05/10/2021	12,50	320,20	60,89	7,44	5,37
06/10/2021	12,42	321,60	60,07	7,46	5,32
07/10/2021	12,47	318,80	61,90	7,41	5,34
Média	12,44	321,54	60,01	7,48	5,37

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	158,00	
RS – Não Me Toque	158,00	
RS – Londrina	158,00	
PR – Cascavel	158,00	
MT – C.N.Parecis	160,00	
MS – Maracaju	159,00	
GO - Rio Verde	157,00	
BA – L.E.Magalhães	160,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	95,00	CIF
Porto de Paranaguá	87,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	84,00	
SC – Rio do Sul	88,00	
PR – Cascavel	89,00	
PR – Londrina	85,00	
MT – C.N.Parecis	72,00	
MS – Maracaju	82,00	
SP – Itapetininga	91,00	
SP – Campinas	96,00	CIF
GO – Rio Verde	79,00	
GO – Jataí	79,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	80,00	
RS – Não Me Toque	80,00	
PR – Londrina	88,00	
PR – Cascavel	91,00	

Período: 06/10/2021

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 07/10/2021**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	84,39	157,82	80,73

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
07/10/2021**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	74,00
Feijão (saco 60 Kg)	257,94
Sorgo (saco 60 Kg)	64,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,96
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,25**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,25

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Setembro/21 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, voltaram a recuar nesta semana, com o primeiro mês fechando a quinta-feira (07/10) em US\$ 12,47/bushel, contra US\$ 12,56 uma semana antes. As mesmas chegaram a bater em US\$ 12,35/bushel, valor mais baixo para o bushel desde o dia 18 de dezembro passado. E isso que o óleo de soja voltou a subir forte, rompendo novamente o teto dos 60 centavos de dólar por libra-peso. Mesmo assim, confirmando a tendência, os fundamentos do mercado indicam quadro de baixa para soja nas próximas semanas em se mantendo normal a colheita dos EUA, o plantio na América do Sul e a fraca demanda chinesa para com o produto estadunidense. Além disso, os Fundos têm se retirado parcialmente das posições compradoras, levando à vendas de contratos.

No caso do óleo de soja, a forte alta se deu na esteira das altas no mercado da energia, mundo afora, na medida em que a demanda cresce em função do maior controle da pandemia. Está faltando energia em muitos países, incluindo a China. Enquanto o barril de petróleo já ultrapassa os US\$ 82,00 no mercado mundial, o gás natural subiu 10% em poucos dias neste mesmo mercado. O petróleo está nas máximas dos últimos sete anos, por exemplo. Isso puxa os preços dos óleos vegetais, muito utilizados igualmente para combustível, caso da soja.

Vale lembrar que a média da soja em setembro voltou a recuar em Chicago, ficando em US\$ 12,77/bushel, perdendo 6,8% de seu valor sobre agosto. Este recuo médio é o quarto consecutivo. Assim, entre a média de maio e a de setembro o bushel de soja, em Chicago, perdeu 18,8%, ou seja, cerca de três dólares. Em 2020, a média de setembro havia sido de US\$ 9,98/bushel.

Por outro lado, a colheita nos EUA, até o dia 03/10, chegou a 34% da área estadunidense, contra 26% na média histórica, demonstrando estar bem adiantada para esta época. As lavouras a colher se mantêm 58% entre boas a excelentes, outras 28% estão regulares e 14% entre ruins a péssimas. Destas lavouras, 86% estão em fase de perda de folhas.

Quanto às exportações de soja por parte dos EUA, na semana encerrada em 30/09, houve embarque de 844.488 toneladas, elevando o montante total do atual ano comercial para 1,83 milhão de toneladas. Este volume fica bem abaixo dos mais de 7 milhões embarcados no mesmo período do ano passado, sendo mais um fator de pressão baixista sobre as cotações em Chicago.

Enquanto isso, na Argentina os produtores de soja locais teriam vendido 31 milhões de toneladas de soja da safra passada, contra 32,7 milhões no mesmo período do ano anterior. Lembrando que a safra 2020/21 foi de somente 43,1 milhões de toneladas de soja no vizinho país, após 49 milhões um ano antes. Já a semeadura da nova safra estará iniciando neste mês de outubro, e a expectativa é de uma colheita ao redor de 44 milhões de toneladas. (cf. Bolsa de Grãos de Buenos Aires)

Por sua vez, no Brasil os preços recuaram, puxados especialmente por Chicago e pela reacomodação do câmbio, o qual deixou o Real um pouco mais valorizado. Assim, o preço médio gaúcho, no balcão, recuou para R\$ 157,82/saco, enquanto nas demais praças o mesmo oscilou entre R\$ 157,00 e R\$ 160,00/saco. No entanto, este quadro

pode mudar novamente nos próximos dias, pois na quinta-feira, dia 07/10, o Real novamente se desvalorizava, atingindo a R\$ 5,51 por dólar durante o pregão.

Com os preços ainda em patamares elevados, os produtores brasileiros, em início de plantio da nova safra, deverão semear 40,4 milhões de hectares, um novo recorde. Com isso, em clima normal, a produção nacional poderá atingir a 144,3 milhões de toneladas, a partir de uma produtividade média esperada de 3.570 quilos/hectare. Já em relação a safra passada, as exportações deverão ficar em 84 milhões de toneladas, com os estoques de passagem atingindo a 5 milhões de toneladas. Já a safra nova deverá ter estes estoques em 8,5 milhões de toneladas diante do recorde de produção previsto. (cf. StoneX)

Enquanto isso, o plantio da nova safra de soja, até o dia 30/09, chegava a 4% da área nacional esperada, contra 2% no mesmo período do ano passado. Ainda, em muitos locais, os produtores esperam melhores chuvas para acelerar o plantio. A situação está mais difícil no Centro-Oeste e Sudeste.

Já as exportações de soja em setembro atingiram a 4,83 milhões de toneladas, superando o volume de setembro do ano passado. Além disso o valor cresceu 39,2%, com a tonelada passando de US\$ 365,40 para US\$ 508,80 no período de um ano. (cf. Secex) Para outubro o país já tem 2,5 milhões de toneladas registradas para embarque. Estas exportações estariam segurando os preços no mercado interno.

No mercado doméstico nacional também a demanda é boa, com um esmagamento total no ano previsto para atingir a 46,7 milhões de toneladas, ficando um pouco menor do que o registrado no ano passado. Assim, diante de estoques maiores no país, os preços teriam mais um motivo para recuarem, embora muitos acreditem que eles fiquem, ainda, em patamares interessantes na próxima colheita. Lembramos que, a partir das atuais cotações em Chicago para maio/22, e das projeções cambiais e de prêmios nos portos para abril/maio próximos, os preços no balcão gaúcho, para esta época do próximo ano, são de R\$ 125,00 a R\$ 130,00/saco, em se mantendo a lógica do desconto médio que as empresas compradoras praticam.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho recuaram um pouco nesta primeira semana de outubro em Chicago. O primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (07/10) em US\$ 5,34/bushel, contra US\$ 5,36 uma semana antes. A média de setembro ficou em US\$ 5,18/bushel, com recuo de 6,2% sobre a média de agosto. Assim como a soja, a média do milho teve o quarto recuo consecutivo. Entre maio e setembro o bushel do cereal, em Chicago, recuou 25,7%. Em setembro de 2020 o bushel do milho valia, na média, US\$ 3,62.

Dito isso, nos EUA a colheita do milho, até o dia 03/10, atingia a 29% da área total, contra 22% na média histórica. Das lavouras a colher, 59% estavam em condições boas a excelentes, outras 26% se apresentavam regulares e 15% entre ruins a muito ruins. Cerca de 88% das lavouras estavam em fase de maturação.

Já em termos de exportação, na semana encerrada em 30/09, os EUA exportaram 808.814 toneladas de milho, acumulando um total de 2,07 milhões de toneladas no atual ano comercial, contra 3,73 milhões do mesmo período do ano passado.

No Brasil, os preços continuam relativamente estáveis, com a média gaúcha no balcão fechando a primeira semana de outubro em R\$ 84,39/saco, enquanto nas demais praças os preços oscilaram entre R\$ 72,00 e R\$ 91,00/saco. Já o CIF Campinas (SP) fechou a semana em R\$ 96,00/saco.

Por sua vez, na B3, a abertura do pregão na quinta-feira (07) apontava o contrato novembro a R\$ 89,29/saco; janeiro a R\$ 89,50; março a R\$ 90,55 e maio a R\$ 87,50/saco. Todos em recuo em relação a semana anterior.

Dito isso, a iniciativa privada aumenta a estimativa de área semeada para a nova safra de verão, especialmente no Rio Grande do Sul. Nesse Estado espera-se, agora, uma produção de 5,76 milhões de toneladas. Com isso, a produção total de milho de verão no Brasil poderá chegar a 30 milhões de toneladas. Já para 2020/21 houve redução para 16 milhões de toneladas nas exportações nacionais de milho, o que poderá levar os estoques de passagem para 2021/22 a 12,2 milhões de toneladas. Neste contexto, os estoques finais neste novo ano comercial aumentariam para 14,96 milhões de toneladas, o que pressionaria os preços do cereal para baixo. Ainda foi revisto o número final da segunda safra nacional, recentemente colhida, a qual teria ficado em 59,2 milhões de toneladas. Considerando todas as safras, o Brasil teria produzido, em 2020/21, um total de apenas 86,6 milhões de toneladas do cereal, contra expectativas iniciais que chegaram a bater em 112 milhões. (cf. StoneX)

Por outro lado, o plantio da nova safra de milho de verão no país, em 1º de outubro, atingia a 37% da área esperada, a qual deverá atingir a 4,38 milhões de hectares. A média histórica para esta data é de 31% semeado. Este plantio chegava a 72,4% no Rio Grande do Sul; 49,3% em Santa Catarina; 59,6% no Paraná e 2% em São Paulo. Nos demais Estados produtores o mesmo ainda não havia iniciado. (cf. Safras & Mercado)

Especificamente no Mato Grosso, espera-se um aumento de área plantada, na safra 2021/22, de 6,4%, levando a mesma para 6,22 milhões de hectares. A produtividade média aumentaria em 14,5%, chegando a 106,1 sacos/hectare, em clima normal. Assim, o referido Estado produziria 39,6 milhões de toneladas de milho neste novo ano comercial, equivalente a um aumento de 21,5% sobre a parcialmente frustrada safra anterior. (cf. Imea)

Já no Paraná, o plantio da safra de verão de milho chegava a 75% até o dia 04/10, avançando bem naquele final de semana, segundo o Deral, sendo que 23% das lavouras estavam em germinação, com 98% delas em bom estado. A área total no Estado, para o milho de verão, está projetada em 420.128 hectares. Em o clima ajudando, a produção final desta safra será de 4,1 milhões de toneladas.

E no Mato Grosso do Sul, os números consolidados da última safrinha de milho indicam uma área semeada de 2,28 milhões de hectares, com aumento de 20,3% sobre o ano anterior. A produtividade média ficou em apenas 47,7 sacos/hectare, perdendo 48,9% sobre a safra passada, devido a seca. Com isso, a produção final

atingiu apenas 6,5 milhões de toneladas, contra 10,6 milhões colhidas em 2020/21, ou seja, um recuo de 38,5%. Nestes primeiros dias de outubro, o preço médio local do milho era de R\$ 81,75/saco, contra R\$ 62,41 um ano antes. Isso representa um aumento de 31% no preço. E até este início de outubro 70,6% da safrinha local já havia sido comercializada. (cf. Famasul)

Por sua vez, em termos de exportações brasileiras de milho, em setembro o país vendeu 2,86 milhões de toneladas, contra 6,37 milhões exportadas em setembro do ano passado. Assim, a média diária neste ano ficou 55,2% abaixo da média diária de setembro de 2020. Já o preço da tonelada se elevou 15,4%, saindo de US\$ 163,00 para US\$ 188,10 no período. De janeiro a setembro do corrente ano o Brasil exportou, então, 12,84 milhões de toneladas, ficando perto de 30% abaixo do exportado em igual período do ano passado. (cf. Secex) Se as exportações realmente ficarem em apenas 16 milhões de toneladas neste ano, haverá mais estoques finais que pressionarão para baixo os preços do milho já no primeiro semestre do próximo ano, especialmente se a safra de verão vier normal.

Pelo lado das importações, em setembro o país comprou um total de 407.379 toneladas do cereal. No total de setembro o volume ultrapassou em 176,5% as importações de setembro do ano passado. Nos nove primeiros meses do ano o Brasil já importou 1,63 milhão de toneladas de milho, chegando ao redor de 115% acima do importado no mesmo período do ano passado. O preço da tonelada importada subiu 60%, passando de US\$ 151,90 no ano passado, para US\$ 243,10 neste ano. (cf. Secex)

Enfim, o projeto Potencial e Lacunas de Produtividade do Milho em Santa Catarina (Projeto GYGAs SC) publicou os resultados parciais de estudo desenvolvido em 176 propriedades daquele Estado durante a safra 2020/21. A pesquisa mostra que se todas as lavouras catarinenses de milho atingirem 75% do potencial de produtividade, ou seja, a máxima eficiência técnica e econômica, será possível aumentar a produção anual de milho em 2,5 milhões de toneladas, o que possibilitará atender mais de 70% da demanda do Estado pelo cereal. Tal pesquisa foi realizada em parceria entre a Epagri e a equipe FieldCrops da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em 42 municípios catarinenses. Trata-se de um protocolo global, com mais de 70 países participantes, com aplicação local. A iniciativa é liderada pela Universidade de Nebraska (EUA) e Universidade de Wageningen, na Holanda, e se baseia no conhecimento da ecofisiologia das culturas e dos sistemas de produção.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, subiram nesta semana, com o primeiro mês cotado fechando o dia 07/10 em US\$ 7,41/bushel, contra US\$ 7,25 uma semana antes. A média de setembro ficou em US\$ 7,03/bushel, recuando 3% sobre agosto. Em setembro de 2020 esta média foi de US\$ 5,48/bushel. Portanto, o atual preço médio do bushel de trigo em Chicago está 28,3% acima do registrado um ano antes.

Dito isso, o plantio do trigo de inverno nos EUA, em 03/10, atingia a 47% da área esperada, contra a média histórica de 46% para a data. Desta área semeada, 19% havia emergido, contra 20% na média histórica.

Por sua vez, as exportações estadunidenses de trigo, na semana encerrada em 30/09, atingiram a 611.621 toneladas, elevando para 8,7 milhões de toneladas o volume exportado no atual ano comercial, iniciado em 1º de junho, contra 9,9 milhões no mesmo período do ano anterior.

Enquanto a Rússia projeta uma área menor a ser semeada com trigo em seu território, a China aponta para uma safra de 137 milhões de toneladas do cereal em 2021/22, contra 134,2 milhões um ano antes. Com isso, os estoques locais de trigo, no início de 2021/22, são estimados em 144,6 milhões de toneladas. Considerando um consumo interno total de 148 milhões de toneladas, a expectativa é que a China importe 8 milhões de toneladas de trigo no corrente ano comercial, contra 10,6 milhões no ano anterior. Assim, os estoques finais ficariam em 140,6 milhões de toneladas, diminuindo quatro milhões de toneladas em relação ao ano anterior.

Aqui no Brasil, os preços do trigo, apesar do avanço da colheita no Paraná, se mantêm firmes, com a média gaúcha no balcão fechando esta primeira semana de outubro em R\$ 80,73/saco, enquanto no Paraná o produto de qualidade oscilou entre R\$ 88,00 e R\$ 91,00/saco.

Nos últimos tempos, com a desvalorização do Real, o trigo importado ficou mais caro, auxiliando na manutenção de preços internos interessantes. De forma geral, o mercado nacional de trigo e derivados estaria um pouco mais aquecido atualmente.

A colheita no Paraná, até o dia 30/09, chegava em 33% da área, com os preços ficando 30% superiores à média do ano passado nesta época. Espera-se uma colheita final, naquele Estado, de 3,5 milhões de toneladas, ou seja, 11% acima do produzido no ano anterior. No Rio Grande do Sul, 49% das lavouras estão em fase de enchimento de grãos e 9% em fase de maturação. A colheita se dará apenas a partir do final do corrente mês.